

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIV Volume Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 30 de Janeiro de 1911 Composto e Impresso na Typ. do Annuario Occidental Praça dos Restauradores, 27 N.º 1155



GUERRA JUNQUEIRO
MINISTRO DE PORTUGAL JUNTO DA REPUBLICA HELVETICA

Guerra Junqueiro

Vae ministro de Portugal para a Suissa, junto do governo da Republica Helvetica, um diplomata que não é da carreira, como se diria, ainda ha pouco, nas regiões officias. Vae um poeta, como Mendes Leal, em Paris, Thomas Ribeiro, no Brasil, Antonio Feliú, em Stockolmo, representaram Portugal, sem ir buscar-os mais longe á historia patria.

Vae Guerra Junqueiro, o poeta da *Morte de D. João*, da *Velhice do Padre Eterno*, dos *Simples*, o primeiro poeta da Peninsula Iberica, talvez o da Europa, como o classifica Emilio Dagherre, no *Heraldo*, de Madrid.

Conheço-o muito bem e quem me dera no tempo em que elle, pelo braço de Guilherme de Azevedo, entrava pela primeira vez, na redacção do *OCCIDENTE*, que eu fundára (1878) com todo o entusiasmo dos 35 annos e que o publico acolhia com o alvoroço das novidades, cuja principal era as cronicas de Guilherme de Azevedo, o poeta da *Alma Nova*, o autor das *Cartas de um Birman* no *Diario da Manhã*, estufiando de *verve* originalissima, de critica superior e delicada, e que lá fóra, algumas eram tradusidas, como na *Epoca*, de Madrid.

Guerra Junqueiro vinha, não de Freixo de Espada á Cinta, onde nascera, mas representar em côrtes o circulo de Macedo de Cavaleiros que o elegera deputado, depois de elle ter escrito o seu poema *A Morte de D. João*, esse primeiro golpe da satira, que fez estremecer as consciencias e gemer os presos da critica, não fóra o autor um sarcastico, como os seus traços fisionomicos a desenhavam, naquelle olhar vivo e penetrante, no larguesia da maxilla inferior sob um nariz adunco, accentuando-lhe um permanente sorriso irónico que o bigodinho mal apontado, apesar dos 28 annos, não podia encobrir.

Guerra Junqueiro, em Lisboa, tornou-se inseparavel de Guilherme de Azevedo; os dois comprehendiam se, o que era um achado, pois nada é mais grato á alma do que encontrar outra que a comprenda. Os effeitos deste achado esfuaiavam na *Gazeta do Dia* e *Diario da Manhã*; Lisboa tremia, espicacada de alfinetes nos mais despercebidos ridiculos de uma sociedade posita, os politicos eram delicadamente descarnados e só encontravam desforço taxando de paradoxo o sarcasmo mordente que os feria.

O campo de exploração era vasto. Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro percorriam juntos o coração da cidade, quando o sol principiava a descer e Lisboa a sair para a rua, na sua interminavel intriga de todos os dias. Elles, munidos de lapis e quartos de papel, tomavam apontamentos, aproveitavam inspirações, ideias de momento, entravam no *Suizzo*, no *Martinho*, na primeira porta de escada que se lhes deparava, e não poucas vezes vinham descair na redacção do *OCCIDENTE*, a escrevinharem nos taes quartos de papel.

— Mas de que se trata? perguntava eu.
— Depois, depois, o saberá.

Até que soube. Era uma revista para o Gimnasio. *A Viagem á roda da Parvonia*, composta de tipos colhidos do natural, de intrigas apanhadas em flagrante, da caranguejola toda, em fim, da politica da terra, passada através do espirito sarcastico dos dois.

Quando os cartazes annunciaram a primeira recita da *Viagem á roda da Parvonia*, *relatorio em 4 actos e 6 quadros pelo comendador Gil*

Vaz, uma, como que corrente electrica, despertou Lisboa para a curiosidade, sempre pronta, de saber quem seria o estranho comendador, e nessa noite encheu a sala de espectáculo, com dobradiças, galerias e até corredores, na maior impaciencia de vêr a peça e chamar o autor.

Viu o primeiro acto desconfiada, olhando-se os espectadores a cada frase estranha que se soltava do palco. Mas *isto nunca se disse cá*, como no *Barba Azul*. Uns puchavam o pigarro, outros engoliam em seco, mas no decorrer da peça a tempestade principiou a rugir, a trovoadas aproximou-se e por fim rebentou medonha; as cadeiras voaram pela sala em estilhaços, depois dos espectadores perderem as solas das botas no entusiasmo da pateada. A autoridade não deixou acabar o espectáculo, era demais, a satira atingia-a também.

O conselheiro Arrobas, com todo o peso da sua rotundidade e do seu nome, cahia sobre a *Viagem á roda da Parvonia* e esmagava-a com a seguinte intimação á empresa do Gimnasio:

«Christovam Pedro de Moraes Sarmento, commissario geral da Policia Civil de Lisboa: Mando a qualquer agente de policia que, visto este por mim assignado, expellido em virtude de ordens recebidas do Ex.^{ma} Governador Civil, intime a Empresa do Theatro do Gymnasio para que retire immediatamente da scena a peça *A Viagem á roda da Parvonia*, cujas representações ficam prohibidas; bem como para que ordene que seja desde já contra-annunciado o espectáculo d'esta noite; sob pena da lei desobedecendo.»

Isto se passava a 17 de janeiro de 1879. Um escandalo inaudito, eis em que vieram a dar os taes quartos de papel escritos por aqui e por ali, apontando, copiando, registrando e por fim criticando o que se passava na cena publica.

Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, vieram, ahí pela uma hora, á redacção do *OCCIDENTE* — então na rua do Loreto, 43, — ainda nervosos, contar-me o que se passára naquella noite fatidica.

— E se a peça se imprimisse? lembrei eu.
— Boa ideia; mas o editor?
— O editor serei eu com a condição de se imprimir já.

E logo ali ajustei a compra do original e no dia seguinte se principiou a compôr.

Aqui está memoria de como eu conheci Guerra Junqueiro antes de elle deixar crescer as barbas, não sei se enamorado do *Padre Eterno* para lhe cantar a *Velhice*.

E' mais do que uma obra poetica esse livro, sobre o qual se pronunciou a critica mais desencontrada, é uma obra filosofica.

Não venho aqui fazer a critica do poeta nem do filosofo; seria pretensão descabida numas rapidas linhas de occasião, para acompanharem o seu retrato.

São apenas recordações do passado, para mim e para elle, neste momento em que o grande poeta vae deixar Portugal, para o representar lá fóra, levando na sua bagagem, com as credenciaes que o acreditam junto de um governo estrangeiro, essas outras credenciaes do talento, porventura, mais valiosas do que aquellas, da grande obra, de um cerebro prodigioso que verberou tantos erros, e que, em seu coração, sofreu com as desditas da patria.

Ha vinte annos, como elle sahio á estacada nessa crise nacional, que lhe inspirou o seu *Finis Patrie* e a *Campão do Odio*. Como o seu amor se afirma nesse genial poema *Os Simples*, e como por fim nos dá a *Oração á Luz*.

Como Portugal se deve desvanecer de filhos assim, que estendem seu nome por todo o mundo culto, onde seus livros tem sido traduzidos, em francès, inglês, italiano e espanhol, e altamente apreciados em revistas e opusculos especiaes nesses paises e na Alemanha.

De quantos diplomatas se poderá dizer o mesmo, em Portugal, ou lá fóra?

CAETANO ALBERTO.

PALAVRAS DE GUERRA JUNQUEIRO

(AO TOMAR POSSE DO SEU LUGAR DE NOSSO MINISTRO NA SUICA)

TENHO a honra de apresentar a Vossa Excelência as cartas que me acreditam como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da Republica Portuguesa junto da Confederação Suíça.

Desempenhando a alta missão que o Governô me confiou, sinto-me feliz e nobilitado. Eu admiro e amo calorosamente o grande Povo helvético, cujo esforço sublime através da história converteu uma terra áspera, indigente e agreste, num país encantador e maravilhoso, e dum conjunto de raças bem distintas fez esta nação esplêndida e singular, tão individualizada e diferenciada pelo sangue, os costumes, as crenças, as línguas, o amor à montanha e à região, e ao mesmo tempo tão unitária e solidária pelo ardente patriotismo da sua consciência colectiva, e tão universal e tão humana pelo culto da liberdade e do direito, pelo vasto espirito de tolerância, de fraternização e de harmonia.

Dedicar-me hei, pois, com entusiasmo e com júbilo a fortalecer cada vez mais os velhos laços de boa amizade que unem há muito as duas pátrias.

As relações económicas, hoje modestas, deverão estender-se consideravelmente. Mas é na esfera soberana da espiri-

tualidade, na convivência intelectual e moral, na troca de ideias e sentimentos, no enlace de almas e de corações, que um campo infinito e luminoso se desenrola à minha esperança e ao meu desejo.

Já muitos portugueses viajam na Suíça para se instruírem e já temos aqui um belo núcleo de estudantes, aprendendo nas vossas escolas incomparáveis, além do conhecimento da verdade, o amor do direito e da virtude, e mostrando-vos, na lucidez da sua inteligência, no poder de trabalho e na índole meiga e corajosa, que uma grande afinidade de sentimentos existe na alma dos dois povos.

Esta viva afinidade moral revelam-na bem as novas instituições portuguesas, brotando espontâneas, em movimento heróico, da consciência clara da nação, que, resoluta e forte, se encaminha para um ideal de paz e de trabalho, de amor e de beleza, de liberdade e de justiça.

Eu creio que os laços de união entre os dois povos hão de chegar ainda por crescente amizade a um fraterno convívio. Desenvolverei, para isso, os meus esforços, contando com a generosa simpatia da nação helvética e com o auxílio benévolo do Ilustre Conselho Federal e do seu digno Presidente, a quem saúdo em meu nome, do meu governo e da minha Pátria.

1911.

Guerra Junqueiro

JUNQUEIRO POLÍTICO MINISTRO DE PORTUGAL

Em 1911, pouco tempo depois da instauração da República, Guerra Junqueiro foi nomeado Ministro de Portugal em Berna, na Suíça (cargo hoje equiparável a Embaixador), onde permaneceu até 1914.

Uma vez regressado a Portugal, recolheu-se à sua propriedade na região do Douro, desligando-se da vida política ativa.

1. "Guerra Junqueiro"
Caetano Alberto
Occidente
N.º 1155, 30 Jan. 1911, p. 17-18

2. "Palavras de Guerra Junqueiro ao tomar posse do seu lugar de nosso Ministro na Suíça"
A Águia
N.º 13-14, 1923